



DOSSIÊ: POPULAÇÃO, MOBILIDADE E ARRANJOS ESPACIAIS NO CENSO DE 2010

AS TROCAS MIGRATÓRIAS ENTRE PARANÁ E SUAS REGIÕES METROPOLITANAS COM AS REGIÕES BRASILEIRAS NAS DÉCADAS RECENTES

Marisa Valle Magalhães

Economista, pesquisadora do IPARDES
E-mail: marimaga@ipardes.pr.gov.br

Anael Pinheiro de Ulhôa Cintra

Engenheiro Agrônomo, pesquisador do IPARDES
E-mail: anaelcintra@ipardes.pr.gov.br

Resumo: Nas últimas décadas, as migrações internas no Brasil vêm experimentando algumas características diferenciadas, e mais complexas, das que prevaleceram no período anterior, marcado pela intensa industrialização e urbanização do País. Crescem de importância os deslocamentos de mais curta distância, os movimentos intrarregionais e intraestaduais, o aumento das etapas migratórias, as reemigrações. A partir dessa premissa, o presente estudo, valendo-se dos dados censitários de 1991, 2000 e 2010 relacionados à migração de data fixa, explora o recorte das trocas migratórias entre o Paraná e suas regiões metropolitanas com o restante do País ao longo desse período, avaliando volumes, áreas de origem e de destino e as mudanças ou continuidades verificadas. Principais conclusões: drástica redução dos saldos migratórios interestaduais negativos do Estado, tornando-se praticamente nulos no último quinquênio da década de 2000; o Estado de São Paulo, que por várias décadas recebeu mais migrantes oriundos do Paraná do que enviou, passou a apresentar perdas líquidas para este estado nos anos recentes; por outro lado, crescem as perdas do Paraná para Santa Catarina, evidenciando o aumento do poder de atração desta UF não apenas sobre os estados vizinhos, como também de outras regiões do Brasil; as regiões metropolitanas paranaenses continuam a ser os espaços de maior absorção dos movimentos migratórios interestaduais do Estado, em particular a RM de Curitiba.

Palavras-chave: Imigrantes e emigrantes interestaduais de data fixa. Saldos migratórios. Paraná. Regiões metropolitanas paranaenses.

INTRODUÇÃO¹

No campo dos estudos migratórios desenvolvidos recentemente no Brasil, há um expressivo consenso de que os deslocamentos populacionais das duas últimas décadas apresentam determinadas características que os diferenciam daqueles observados ao longo da segunda metade do século XX.² Certamente, tais características relacionam-se às mudanças nas escalas de intensidade e aumento na complexidade dos fluxos já observados no período anterior, mas também sinalizam inversões de sentido no que tange a áreas de origem e de destino dos migrantes e a resultados positivos ou negativos nas trocas migratórias observadas.

Durante as décadas de intensa industrialização, expansão acelerada das fronteiras agrícolas e integração do mercado nacional, foram marcantes os processos de êxodo rural, de urbanização em todas as regiões do País e, em paralelo, de um crescimento concentrado da população urbana em distintos pontos do território. Segundo Brito (2009),

As migrações internas redistribuíam a população do campo para as cidades, entre os estados e entre as diferentes regiões do Brasil, inclusive para as fronteiras agrícolas em expansão, onde as cidades eram o pivô das atividades econômicas. Mas, o destino fundamental dos migrantes que abandonavam os grandes reservatórios de mão de obra – o Nordeste e Minas Gerais, principalmente – eram as grandes cidades, particularmente os grandes aglomerados metropolitanos em formação no Sudeste, entre os quais a Região Metropolitana de São Paulo se destacava.

As profundas transformações decorrentes da crise econômica e da alternância de ciclos de crescimento/estagnação vigentes nos anos 1980 e 1990, bem como a tendência acelerada de internacionalização da economia brasileira, redesenharam o perfil da estrutura produtiva e seu padrão locacional e impactaram sobremaneira o conjunto da sociedade. Nesse contexto, se na fase anterior os movimentos migratórios eram impulsionados por conjunturas econômicas e sociais altamente propícias à absorção do migrante no local de destino, as décadas de crise do final do século passado introduziram celeremente obstáculos estruturais representados pelo estreitamento e maior rigidez dos mercados de trabalho, mormente nos centros urbanos, e o esgotamento decisivo das fronteiras agrícolas nacionais. Com isso, alterou-se profundamente o substrato motivacional para os deslocamentos migratórios, em particular para os de maior distância, pois as possibilidades de êxito e da tão sonhada ascensão social praticamente se esgotaram. Não por acaso, o País presencia nesse período o aumento expressivo da emigração internacional, especialmente de jovens, que buscam em outros países melhores oportunidades de emprego e de aquisição de renda.

¹ Parte do texto desta introdução e das considerações finais consta no Termo de Referência elaborado no IPARDES para o projeto de pesquisa Migrações Internas nos Décênios 1990 e 2000 em UFs Selecionadas: mudanças e continuidades, em desenvolvimento na instituição em convênio com o IPEA, no âmbito do Subprograma de Apoio a Redes de Pesquisas (PROREDES).

² Importantes estudos tratam essa temática. Dentre outros, Baeninger (2008), Brito (2009), Brito e Carvalho (2006), Cunha (2007) e Hakkert e Martine (2007).

A primeira década dos anos 2000 transcorre marcada pela retomada do crescimento econômico, pela expansão dos mercados de trabalho e queda das taxas de desemprego e por uma expressiva melhoria da renda dos segmentos pobres da população, decorrente da elevação do salário mínimo real e da ampliação dos programas sociais de transferência de renda às famílias mais pobres. É interessante observar que os estímulos econômicos desse período propiciaram a dinamização de determinadas áreas do território nacional, fomentando a geração de empregos e uma certa intensificação dos fluxos migratórios. Apenas de forma resumida pode-se apontar a expansão da fronteira agropecuária no Centro-Oeste; programas de irrigação e políticas de crédito e de incentivos fiscais destinados ao semiárido brasileiro, fundamentalmente no Nordeste; projetos de mineração, em particular na Amazônia; grandes obras de infraestrutura, como a construção de hidrelétricas também na Região Norte do País e investimentos no Nordeste.

Nesse contexto, nas três últimas décadas, no âmbito interno, crescem de importância a ocorrência de fluxos migratórios de mais curta distância, os movimentos intrarregionais e intraestaduais, o aumento das etapas migratórias, as reemigrações, entre as quais se incluem as migrações de retorno, os movimentos pendulares. Altera-se o padrão do ir e vir das pessoas. Regiões Metropolitanas, que em décadas anteriores cresciam em ritmo acelerado, como São Paulo e Rio de Janeiro, passam a experimentar saldos migratórios negativos, sinalizando uma relevante mudança na distribuição espacial da população. De modo geral, cresceram as incertezas, que sempre existiram, mas que se defrontam atualmente com um leque muito mais amplo de dificuldades no campo do emprego, da moradia, do acesso aos serviços sociais básicos, dos transtornos relacionados aos transportes, poluição, estresse e violência. A procura por centros urbanos, litorâneos ou não, que ofereçam qualidade de vida e ao mesmo tempo supram as condições básicas de consumo e de lazer da população, cresce exponencialmente. As céleres mudanças no padrão tecnológico dos setores industrial e de serviços amplificam a demanda por trabalhadores mais especializados, induzindo, muitas vezes, deslocamentos migratórios com esse perfil. Subjacente a esse processo, as inovações tecnológicas impõem novos desafios de formação, qualificação e segmentação dos mercados de trabalho, impulsionando a proliferação de universidades, centros de pesquisa e de unidades de ciência e tecnologia de uma forma mais descentralizada, provocando permanentes movimentos de estudantes, professores, cientistas e pesquisadores no interior dos estados ou entre eles.

O tema das migrações, portanto, é extremamente vasto e complexo. A partir de um pequeno recorte nesse cenário, o presente artigo busca explorar as trocas migratórias entre o Paraná e o restante do País desde meados dos anos 1980, avaliando volumes, áreas de origem e de destino e as mudanças ou continuidades verificadas no período. As análises recaem sobre o Paraná em seu conjunto e sobre as tendências evidenciadas em suas três regiões metropolitanas, por representarem as principais áreas

do Estado a experimentarem movimentos migratórios. Os dados trabalhados referem-se aos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010, tanto para a população residente quanto para a identificação dos quantitativos migratórios. Nesse caso, a migração foi mensurada a partir do quesito censitário que indagava o local de residência da população 5 anos antes da data do Censo – migrante de data fixa.

1 O PARANÁ, SUAS REGIÕES METROPOLITANAS E AS MIGRAÇÕES INTERESTADUAIS: O QUE MUDOU NO PERÍODO RECENTE?

A dinâmica migratória do Paraná nos últimos quarenta anos se insere amplamente nas distintas etapas do processo nacional. As décadas de 1970 e de 1980 foram marcadas por um intenso e acelerado esvaziamento das áreas rurais do Estado, em dimensões ímpares na história das migrações no Brasil. Enormes fluxos populacionais abandonaram o campo seguindo predominantemente três direções. A primeira para as áreas urbanas do próprio Estado, com grande predomínio da Região Metropolitana de Curitiba como destino. Um segundo fluxo expressivo dirigiu-se a algumas áreas industriais do Estado de São Paulo, com destaque para sua região metropolitana e para Campinas e adjacências. O terceiro e importante movimento teve como destino as áreas de fronteira agrícola no Centro-Oeste e Norte do País, então em franca expansão. Não se deve desconsiderar as perdas populacionais do Paraná para Santa Catarina e para o Paraguai, naquele período, mas esses volumes foram de menor monta.

Assim, pode-se dizer, grosso modo, que nessa etapa prevaleceu, no Paraná, a emigração de longa distância. É claro que nem sempre esses deslocamentos foram feitos em apenas uma etapa. Com muita frequência a população saía das áreas rurais permanecendo temporariamente em centros urbanos menores nas proximidades e só depois realizava os longos trajetos. Também eram comuns as situações em que apenas parte da família se arriscava a emigrar para mais distante, ficando os demais no próprio Estado, muitas das vezes para manter ativas suas pequenas propriedades agrícolas.

Na etapa mais recente, ocorreram importantes mudanças no panorama migratório do Estado. Do ponto de vista interestadual houve uma redução expressiva dos saldos migratórios negativos, tendendo, nos anos 2000, para montantes próximos de zero (tabela 1).

Na comparação dos dados de migração de data fixa relativos aos quinquênios 1986-1991, 1995-2000 e 2005-2010, observa-se que a imigração para o Paraná manteve-se basicamente nos mesmos patamares, pouco se alterando no transcorrer do período. A emigração, por seu turno, sofreu uma forte queda, em particular nos anos 1990, sinalizando uma ruptura com o movimento maciço de perdas populacionais das décadas anteriores (gráfico 1). Em decorrência desses processos, fica claro que o balanço das entradas e saídas de migrantes no Estado torna-se praticamente nulo, não porque o Paraná esteja atraindo fluxos maiores de imigrantes, e sim porque está retendo mais sua população.

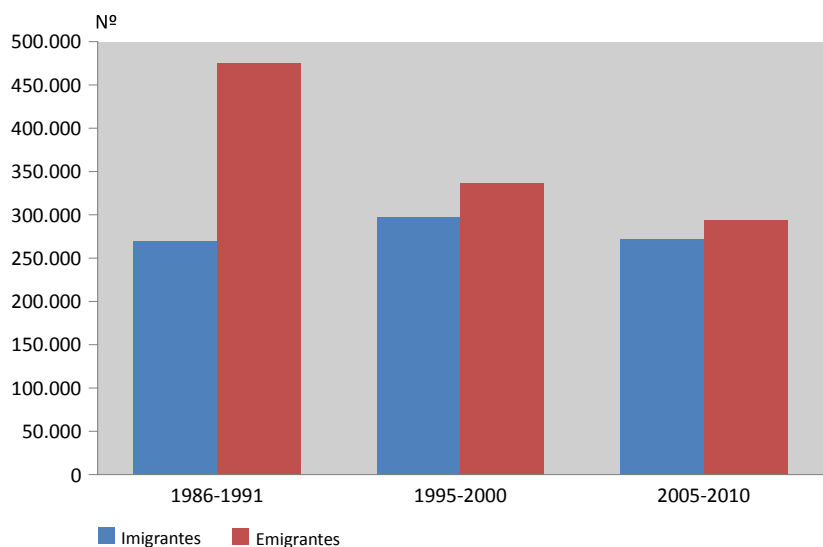
TABELA 1 - FLUXOS MIGRATÓRIOS INTERESTADUAIS DE DATA FIXA - PARANÁ E REGIÕES METROPOLITANAS - 1986-1991, 1995-2000 E 2005-2010

PERÍODO/REGIÃO	IMIGRANTES	EMIGRANTES	TROCAS LÍQUIDAS MIGRATÓRIAS
1986-1991			
RM Curitiba	71.526	56.021	15.505
RM Londrina	24.944	28.372	-3.428
RM Maringá	20.220	22.627	-2.406
Exceto RMs	152.387	368.171	-215.784
PARANÁ	269.078	475.190	-206.113
1995-2000			
RM Curitiba	96.108	64.420	31.689
RM Londrina	28.450	21.756	6.694
RM Maringá	24.850	18.878	5.972
Exceto RMs	147.903	231.944	-84.041
PARANÁ	297.311	336.998	-39.686
2005-2010			
RM Curitiba	92.569	68.133	24.436
RM Londrina	22.535	20.896	1.639
RM Maringá	24.234	17.200	7.034
Exceto RMs	132.845	187.464	-54.619
PARANÁ	272.183	293.693	-21.510

FONTE: IBGE - Censos Demográficos

NOTA: Exceto imigrantes estrangeiros e migrantes de UF's ignoradas.

GRÁFICO 1 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE IMIGRANTES E DE EMIGRANTES INTERESTADUAIS DE DATA FIXA DO PARANÁ - 1986-1991, 1995-2000 E 2005-2010



FONTE: Tabela 1

A despeito dessas alterações, do ponto de vista interno os principais destinos da migração interestadual permanecem sendo as regiões metropolitanas, com destaque para a de Curitiba. Nos anos 1980 esta RM recebia cerca de um quarto da imigração interestadual do Estado, e, nos períodos seguintes, um terço. É bem verdade que algumas outras áreas não metropolitanas, como Cascavel e seu entorno, que conseguiram manter um importante dinamismo econômico regional, aumentaram seu poder de atração migratória, interestadual ou interna, porém em dimensões muito menores.

Convém chamar a atenção também para o fato de que desde os anos 1990 as regiões metropolitanas do Paraná experimentam trocas migratórias interestaduais positivas – sem considerar reduzidos saldos negativos com uma ou outra Região ou UF, que serão apontados adiante –, ao passo que é nas demais regiões do Estado, não metropolitanas, que se observam saldos negativos.

Embora não seja objetivo deste artigo, é interessante apontar que parcelas expressivas, e crescentes, da imigração para o Estado referem-se a migrações de retorno. Muitos daqueles que haviam emigrado em décadas anteriores retornaram, seja em decorrência de insucessos em suas tentativas de fixação nas regiões de destino, seja porque conseguiram acumular razoáveis recursos financeiros e preferiram retornar, para seus municípios de nascimento ou não. De certa forma, os dados de imigrantes segundo regiões brasileiras ou estados de procedência confirmam isso (tabela 2).

TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO NÚMERO DE IMIGRANTES INTERESTADUAIS DE DATA FIXA POR REGIÃO BRASILEIRA DE ORIGEM E REGIÕES PARANAENSES DE DESTINO - PARANÁ - 1986-1991, 1995-2000 E 2005-2010

PERÍODO/REGIÃO / UF DE ORIGEM	RM CURITIBA	RM LONDRINA	RM MARINGÁ	EXCETO RMs	TOTAL
1986-1991					
Norte	6,3	7,4	9,5	8,5	7,9
Rondônia	69,8	74,0	89,8	78,1	77,1
Nordeste	5,4	4,3	4,1	3,8	4,3
Sudeste	42,0	68,8	57,6	38,6	43,8
São Paulo	73,3	88,6	86,9	85,9	83,2
Sul	35,6	6,4	6,1	29,8	27,4
Santa Catarina	68,6	67,9	33,9	62,5	64,2
Centro-Oeste	10,6	13,1	22,7	19,3	16,7
Mato Grosso do Sul	31,2	42,6	37,1	31,7	33,0
Mato Grosso	42,8	46,3	54,0	62,0	56,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1995-2000					
Norte	5,2	2,3	5,6	5,0	4,9
Rondônia	45,6	44,1	68,3	59,5	54,8
Nordeste	7,4	4,5	4,9	3,9	5,1
Sudeste	44,0	72,8	64,7	47,9	50,4
São Paulo	80,2	91,8	91,8	89,5	87,5
Sul	33,3	7,2	6,9	27,8	25,9
Santa Catarina	72,0	59,5	59,5	68,0	69,2
Centro-Oeste	10,1	13,2	17,9	15,4	13,7
Mato Grosso do Sul	43,5	44,4	48,0	46,9	46,0
Mato Grosso	37,9	42,6	45,3	45,3	43,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2005-2010					
Norte	4,3	1,9	5,3	4,9	4,5
Rondônia	49,2	21,8	53,3	50,1	49,1
Nordeste	9,7	5,4	6,2	5,2	6,8
Sudeste	47,6	73,5	61,7	43,6	49,0
São Paulo	77,9	90,9	88,9	86,4	84,4
Sul	29,8	9,2	9,2	30,2	26,4
Santa Catarina	68,9	56,6	66,9	70,9	69,6
Centro-Oeste	8,7	10,0	17,6	16,1	13,2
Mato Grosso do Sul	33,0	35,5	42,9	43,9	40,8
Mato Grosso	37,8	42,8	49,5	46,1	44,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

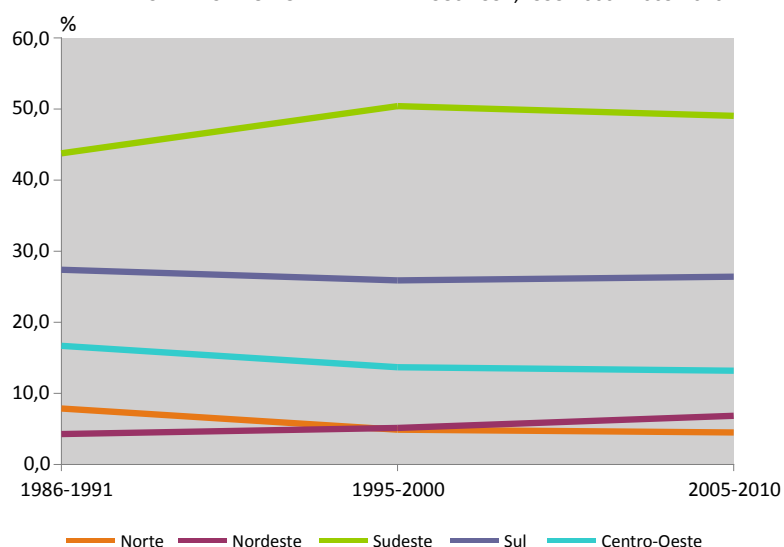
FONTE: Tabela A.1 do Apêndice

Sabe-se que as principais áreas de destino dos movimentos emigratórios do Paraná nas décadas de 1970 e de 1980 foram São Paulo, metrópole ou interior, os estados mais representativos da fronteira agrícola em expansão naquele período – Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rondônia –

e Santa Catarina. Não por acaso a imigração interestadual nas décadas mais recentes teve origem predominantemente nessas mesmas áreas. A grande maioria veio do Estado de São Paulo e constituiu o principal fluxo de entrada nas três regiões metropolitanas do Paraná, bem como no conjunto não metropolitano, tanto em termos percentuais quanto em volumes (tabela A.1 do Apêndice).

Entre o segundo quinquênio da década de 1980 e o segundo dos anos 1990, cresce o peso da Região Sudeste no conjunto da imigração de data fixa para todas as áreas do Paraná em análise (gráfico 2). Adicionalmente, para todas cresce também a participação de São Paulo no total dos imigrantes do Sudeste, evidenciando nitidamente o ganho de importância desse estado nos movimentos migratórios do Paraná naquele período. Tendência inversa é observada nos fluxos migratórios procedentes da Região Norte do País e de Rondônia para todas as áreas do Paraná, ainda que esse estado permaneça sendo a principal origem da imigração para o Paraná no contexto do Norte brasileiro. No que tange aos movimentos oriundos do Sul, com exceção da RM de Curitiba, seu peso no conjunto da imigração de data fixa daquele período para as regiões do Paraná pouco se altera, embora Santa Catarina aumente de importância. Convém chamar a atenção para o fato de que os imigrantes procedentes de Santa Catarina dirigiram-se em maior número para a Região Metropolitana de Curitiba e para as áreas não metropolitanas, certamente aquelas mais próximas à fronteira com o Estado. Além desses pontos de origem, o conjunto da imigração proveniente do Centro-Oeste do País praticamente manteve seu peso, ganhando importância, no entanto, o Mato Grosso do Sul, nesse contexto. A Região Nordeste pouco contribui no montante dos fluxos migratórios de data fixa do Paraná naquele período, mas cresce de importância, superando inclusive as entradas procedentes do Norte.

GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS IMIGRANTES INTERESTADUAIS POR REGIÕES BRASILEIRAS DE ORIGEM - PARANÁ - 1986-1991, 1995-2000 E 2005-2010



FONTE: Tabela 2

No decênio seguinte, compreendido entre os quinquênios 1995-2000 e 2005-2010, ocorre uma certa inflexão em algumas dessas tendências. A Região Sudeste, ainda que se mantenha como principal área de origem da imigração para todas as regiões paranaenses, demonstra um refreamento em seu grau de importância, exceto no que diz respeito à RM de Curitiba. O Estado de São Paulo, por seu turno, reduz seu peso no conjunto do Sudeste para todas as regiões do Paraná. A imigração proveniente do Sul mantém de certa forma seus percentuais de participação, mas Santa Catarina apresenta reduções, exceto no que diz respeito à RM de Maringá e, em menor medida, nas regiões não metropolitanas do Estado. A Região Norte, bem como Rondônia, continuam perdendo importância. O Centro-Oeste, em volumes de imigrantes, passa a apresentar declínios, assim como o Mato Grosso do Sul. O número de imigrantes procedentes da Região Nordeste permanece aumentando, e no quinquênio 2005-2010 se mantém superior ao da Região Norte.

A análise dos movimentos de saída da população nos três quinquênios considerados, por sua vez, traz interessantes resultados (tabela 3).

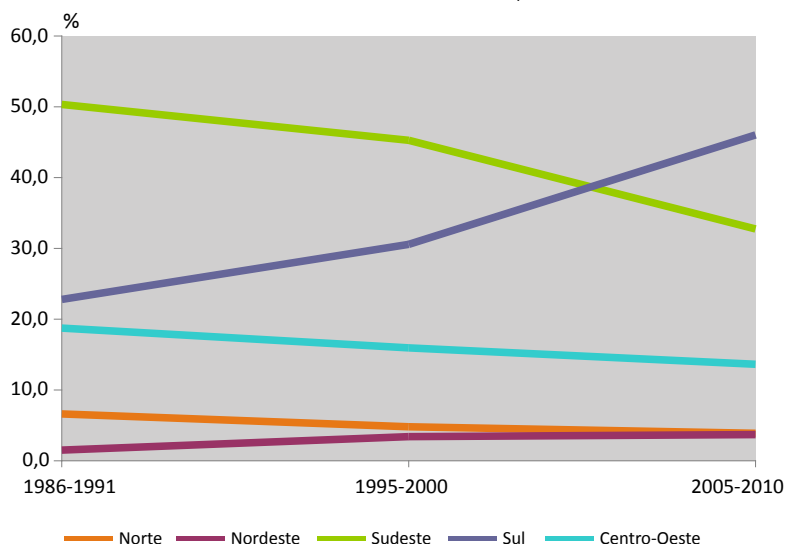
TABELA 3 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO NÚMERO DE EMIGRANTES INTERESTADUAIS DE DATA FIXA POR REGIÃO PARANAENSE DE ORIGEM E REGIÕES BRASILEIRAS DE DESTINO - PARANÁ - 1986-1991, 1995-2000 E 2005-2010

PERÍODO/REGIÃO/UF DE ORIGEM	RM CURITIBA	RM LONDRINA	RM MARINGÁ	EXCETO RMs	TOTAL
1986-1991					
Norte	5,4	4,1	7,5	6,9	6,6
Rondônia	60,1	52,1	69,7	73,1	70,9
Nordeste	4,2	1,8	2,0	1,0	1,5
Sudeste	41,3	71,8	64,6	49,2	50,3
São Paulo	75,6	83,2	82,2	86,1	84,6
Sul	37,6	6,8	6,3	22,8	22,8
Santa Catarina	77,6	68,8	71,9	73,4	74,1
Centro-Oeste	11,5	15,4	19,7	20,1	18,7
Mato Grosso do Sul	24,8	43,1	27,1	30,0	30,1
Mato Grosso	53,9	45,4	64,2	62,7	61,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1995-2000					
Norte	5,8	4,2	4,8	4,6	4,8
Rondônia	43,5	46,2	65,0	54,9	52,4
Nordeste	5,9	4,1	3,5	2,7	3,4
Sudeste	36,3	63,5	59,2	44,9	45,3
São Paulo	69,3	81,4	78,0	85,3	82,0
Sul	41,2	10,8	12,1	31,0	30,6
Santa Catarina	78,3	76,3	73,3	76,2	76,7
Centro-Oeste	10,9	17,4	20,4	16,8	15,9
Mato Grosso do Sul	32,6	27,9	41,3	29,3	30,5
Mato Grosso	27,1	39,2	40,8	54,5	48,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2005-2010					
Norte	4,0	3,5	7,9	3,5	3,9
Rondônia	37,1	40,0	51,4	45,9	44,1
Nordeste	5,7	3,9	4,8	2,8	3,7
Sudeste	32,4	58,8	48,9	28,5	32,8
São Paulo	73,0	87,7	82,0	84,4	82,0
Sul	49,1	21,3	19,3	50,2	46,0
Santa Catarina	86,4	86,1	77,0	87,1	86,7
Centro-Oeste	8,8	12,4	19,2	15,0	13,6
Mato Grosso do Sul	33,1	34,4	35,9	36,9	36,1
Mato Grosso	30,4	24,5	40,4	50,1	44,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: Tabela A.2

Para o conjunto do Estado, os principais destinos dos fluxos emigratórios continuam sendo o Sudeste/São Paulo, o Sul/Santa Catarina e o Centro-Oeste/Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (gráfico 3). No entanto, observa-se claramente a redução dos volumes de emigrantes para São Paulo e os estados do Centro-Oeste, em particular para Mato Grosso, no transcorrer do período, ao passo que Santa Catarina cresce de importância, chegando a ultrapassar, no quinquênio 2005-2010, o número de emigrantes do Paraná com destino a São Paulo, historicamente a principal direção dos fluxos paranaenses. Para a Região Metropolitana de Curitiba, os dados relativos ao quinquênio 1995-2000 já evidenciavam uma maior preferência da emigração para Santa Catarina do que para São Paulo. Para o conjunto das áreas não metropolitanas, essa mudança só é evidenciada no período 2005-2010.

GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS EMIGRANTES INTERESTADUAIS POR REGIÕES BRASILEIRAS DE DESTINO - PARANÁ - 1986-1991, 1995-2000 E 2005-2010



FONTE: Tabela 3

Do confronto entre entradas e saídas do Estado segundo origens e destinos, ressaltam algumas tendências importantes (tabela A.3). A RM de Curitiba demonstra trocas positivas com todas as regiões brasileiras nos períodos considerados, exceto no último quinquênio, quando o sinal das trocas com Santa Catarina passa a ser negativo, embora em dimensão inexpressiva. O saldo migratório do Paraná com São Paulo, que até os anos 1980 era fortemente desfavorável ao Paraná, torna-se positivo nas décadas seguintes, claramente em decorrência da redução dos fluxos de emigração de paranaenses em direção àquele Estado. Tendência semelhante ocorre com os saldos entre o Paraná e o Centro-Oeste brasileiro. Fortemente negativos nos anos 1980, reduzem de expressão nas décadas seguintes devido à redução considerável da emigração do Paraná, de tal sorte que, no final dos anos 2000, ainda sejam negativos, porém praticamente nulos. Por outro lado, as trocas entre Paraná e Santa Catarina, já negativas nos anos 1980, tornam-se menos desfavoráveis no período 1995-2000, e nos anos 2000 voltam a ser expressivamente negativas, sinalizando o aumento do poder de atração

migratória que esse estado vizinho vem apresentando recentemente, não só sobre o Paraná como também sobre outras áreas do País. Por fim, com significância numérica bem menor, mas interessante de se observar, nota-se que o Nordeste é a única região brasileira que mantém saldos positivos nas trocas migratórias com as regiões paranaenses ao longo de todo o período em estudo, particularmente nas trocas com a RM de Curitiba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão das características e tendências recentes do processo migratório brasileiro, sua mensuração, mapeamento dos inúmeros fluxos de origem e destino, a identificação dos movimentos de retorno, das múltiplas etapas, do peso do componente migratório no crescimento, ou decrescimento, da população, trazem à luz elementos fundamentais para o exercício do planejamento, tanto das distintas esferas do setor público, quanto dos setores privados. Cada vez mais, no País, os gestores públicos, os legisladores, o meio empresarial, o terceiro setor, a imprensa, levam em conta o fator demográfico em seus âmbitos de atuação, e a variável migração ocupa lugar de destaque nesse cenário.

Adicionalmente, dentre as variáveis demográficas, a migração é a mais complexa de se prospectar quando se desenvolvem as árduas tarefas de projeções populacionais. Isto porque esse componente inclui múltiplas facetas ou modalidades, e mesmo na ausência de catástrofes ou de fatores exógenos as mudanças de rumo e de volume podem ocorrer, e com frequência ocorrem, no curto prazo. Adicionalmente, inexistem no País sistemas de registros administrativos associados à mobilidade espacial da população, e as informações desagregadas (por município) acerca dessa variável dependem única e exclusivamente das pesquisas censitárias, realizadas no Brasil a cada dez anos.

A recente e ainda inacabada disponibilização dos resultados do Censo Demográfico de 2010 permite que se atualize o conhecimento das tendências recentes do comportamento demográfico, de forma geral, e migratório, em particular. Convém lembrar que os censos demográficos brasileiros estão incluídos internacionalmente no rol dos mais completos no que tange ao levantamento de dados para os estudos de migração. Os censos de 1970 e de 1980 já eram importantes nesse sentido, mas a partir do censo de 1991 a introdução do quesito que possibilita identificar o lugar de residência do indivíduo cinco anos antes da data de realização da pesquisa censitária ampliou sobremaneira o leque de possibilidades de mensuração da mobilidade espacial da população em suas múltiplas modalidades. Além disso, explorar em profundidade essas fontes de dados migratórios constitui uma contrapartida relevante ao gigantesco investimento da sociedade brasileira subjacente a cada uma dessas pesquisas realizadas.

No presente artigo buscou-se explorar alguns aspectos relacionados às trocas migratórias entre o Paraná e suas regiões metropolitanas com as regiões brasileiras e alguns estados, ancoradas nos resultados censitários de 1991, 2000 e 2010 sobre migração de data fixa. Do estudo brotaram inúmeras características e especificidades, porém algumas de maior relevância. O Paraná, que desde a década de 1970 vinha apresentando fortes resultados negativos em suas trocas populacionais com o

restante do País, chega à década de 2000 com saldos ainda negativos, mas praticamente nulos. Nesse processo, os fluxos de entrada no Estado mantiveram-se praticamente nos mesmos patamares, porém os fluxos de saída reduziram-se substancialmente, sinalizando um aumento da capacidade de retenção dos paranaenses em seu território. O Estado de São Paulo, que no passado era o maior absorvedor de migrantes oriundos do Paraná, passa a enviar maiores fluxos para este estado mas, principalmente, reduz seu poder de atratividade, tornando positivo o resultado de suas trocas. De certa forma o mesmo ocorre entre o Paraná e o Centro-Oeste, pois reduzem significativamente os saldos migratórios negativos com aquela Região, em decorrência de menores volumes de emigração. Entre o Paraná e Santa Catarina ocorre um movimento inverso. Ainda que nos anos 1980 o Paraná originasse fluxos mais numerosos do que absorvia, na década de 2000 os saldos negativos com Santa Catarina crescem de forma expressiva, demonstrando um aumento do poder de atração populacional daquele estado em relação ao Paraná, nas últimas décadas. Do ponto de vista interno, as regiões metropolitanas paranaenses continuam a ser os espaços de maior absorção dos movimentos migratórios interestaduais do Estado, em particular a RM de Curitiba. Ao longo de todo o período em análise, é a única RM a experimentar saldos positivos com todas as regiões brasileiras, exceto nas trocas com Santa Catarina evidenciadas no último quinquênio, que passam a ser negativas.

REFERÊNCIAS

- BAENINGER, Rosana. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações no século XXI. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 16., 2008, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2008. (Sessão Temática: Migração).
- BRITO, Fausto Reynaldo Alves de. **As migrações internas no Brasil**: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009. (Textos para discussão; 366).
- BRITO, Fausto Reynaldo Alves de; CARVALHO, José Alberto M. de. As migrações internas no Brasil: as novidades sugeridas pelos censos demográficos de 1991 e 2000 e pelas PNADs recentes. **Parcerias Estratégicas**, Brasília: CGEE, n.22, p.441-456, jun. 2006. Edição especial.
- CUNHA, José Marcos Pinto da. **A migração no Brasil no começo do século XXI**: continuidades e novidades trazidas pela PNAD 2004. Santiago de Chile: CELADE, 2007. Apresentado em Taller Nacional sobre “Migración interna y desarrollo en Brasil: diagnóstico, perspectivas y políticas”, Brasília, 2007.
- HAKKERT, Ralph; MARTINE, George. **Tendências migratórias recentes no Brasil**: as evidências da PNAD de 2004. Santiago de Chile: CELADE, 2007. Apresentado em Taller Nacional sobre “Migración interna y desarrollo en Brasil: diagnóstico, perspectivas y políticas”, Brasília, 2007.

APÊNDICE

TABELA A.1 - NÚMERO DE IMIGRANTES INTERESTADUAIS DE DATA FIXA POR REGIÃO BRASILEIRA DE ORIGEM E REGIÕES PARANAENSES DE DESTINO - PARANÁ - 1986-1991, 1995-2000 E 2005-2010

REGIÃO/UF (Origem)	1986-1991					1995-2000					2005-2010				
	RM Curitiba	RM Londrina	RM Maringá	Exceto RMs	Total	RM Curitiba	RM Londrina	RM Maringá	Exceto RMs	Total	RM Curitiba	RM Londrina	RM Maringá	Exceto RMs	Total
Norte	4.488	1.852	1.927	12.912	21.179	5.025	653	1.389	7.467	14.533	3.973	428	1.293	6.555	12.249
Rondônia	3.133	1.371	1.731	10.085	16.321	2.289	288	948	4.445	7.970	1.954	93	689	3.282	6.018
Nordeste	3.868	1.079	828	5.753	11.528	7.094	1.275	1.217	5.698	15.284	8.950	1.225	1.500	6.962	18.637
Sudeste	30.069	17.163	11.653	58.886	117.771	42.255	20.717	16.079	70.817	149.868	44.069	16.557	14.963	57.905	133.494
São Paulo	22.051	15.210	10.121	50.579	97.961	33.901	19.015	14.764	63.415	131.094	34.333	15.042	13.295	50.013	112.683
Sul	25.497	1.587	1.230	45.391	73.705	32.035	2.057	1.719	41.152	76.962	27.551	2.069	2.222	40.058	71.901
Santa Catarina	17.483	1.078	418	28.350	47.328	23.058	1.223	1.023	27.989	53.293	18.987	1.171	1.487	28.403	50.047
Centro-Oeste	7.604	3.263	4.582	29.446	44.895	9.699	3.749	4.446	22.769	40.664	8.026	2.255	4.256	21.366	35.903
Mato Grosso do Sul	2.370	1.391	1.700	9.345	14.806	4.223	1.666	2.135	10.671	18.696	2.647	800	1.828	9.376	14.651
Mato Grosso	3.257	1.512	2.476	18.269	25.513	3.677	1.598	2.013	10.305	17.593	3.037	966	2.107	9.847	15.957
TOTAL	71.526	24.944	20.220	152.387	269.078	96.108	28.450	24.850	147.903	297.311	92.569	22.535	24.234	132.845	272.183

FONTE: IBGE - Censos Demográficos

NOTA: Exceto imigrantes estrangeiros e migrantes de UFs ignoradas.

TABELA A.2 - NÚMERO DE EMIGRANTES INTERESTADUAIS DE DATA FIXA POR REGIÃO PARANAENSE DE ORIGEM E REGIÕES BRASILEIRAS DE DESTINO - PARANÁ - 1986-1991, 1995-2000 E 2005-2010

REGIÃO/UF DE DESTINO	1986-1991					1995-2000					2005-2010				
	RM Curitiba	RM Londrina	RM Maringá	Exceto RMs	Total	RM Curitiba	RM Londrina	RM Maringá	Exceto RMs	Total	RM Curitiba	RM Londrina	RM Maringá	Exceto RMs	Total
Norte	3.020	1.183	1.711	25.524	31.439	3.698	913	901	10.686	16.198	2.695	743	1.360	6.620	11.417
Rondonia	1.815	617	1.193	18.666	22.290	1.609	422	586	5.863	8.480	999	297	699	3.038	5.033
Nordeste	2.354	506	452	3.854	7.166	3.764	891	667	6.155	11.476	3.893	822	823	5.302	10.840
Sudeste	23.042	20.609	14.737	180.795	239.183	23.317	13.878	11.222	104.128	152.545	22.105	12.324	8.423	53.340	96.191
São Paulo	17.417	17.149	12.113	155.617	202.296	16.157	11.303	8.754	88.824	125.037	16.128	10.807	6.905	45.000	78.841
Sul	21.025	1.963	1.433	83.904	108.324	26.481	2.370	2.295	71.892	103.037	33.442	4.454	3.323	93.976	135.196
Santa Catarina	16.311	1.350	1.030	61.625	80.316	20.744	1.808	1.682	54.769	79.003	28.893	3.834	2.559	81.874	117.160
Centro-Oeste	6.406	4.425	4.495	73.752	89.078	7.008	3.790	3.864	39.080	53.742	6.009	2.607	3.310	28.122	40.048
Mato Grosso do Sul	1.586	1.907	1.217	22.124	26.835	2.282	1.056	1.597	11.439	16.374	1.990	897	1.187	10.383	14.457
Mato Grosso	3.451	2.007	2.886	46.243	54.588	1.900	1.485	1.576	21.284	26.244	1.824	638	1.336	14.094	17.891
TOTAL	55.847	28.686	22.827	367.830	475.190	64.267	21.842	18.949	231.940	336.998	68.144	20.950	17.238	187.360	293.693

FONTE: IBGE - Censos Demográficos

NOTA: Exceto imigrantes estrangeiros e migrantes de UFs ignoradas.

TABELA A.3 - TROCAS LÍQUIDAS MIGRATÓRIAS ENTRE O PARANÁ E SUAS REGIÕES METROPOLITANAS E AS REGIÕES BRASILEIRAS E ALGUNS ESTADOS EM DESTAQUE - 1986-1991, 1995-2000 E 2005-2010

REGIÃO BRASILEIRA/UF	1986-1991					1995-2000					2005-2010				
	RM Curitiba	RM Londrina	RM Maringá	Exceto RMs	Total	RM Curitiba	RM Londrina	RM Maringá	Exceto RMs	Total	RM Curitiba	RM Londrina	RM Maringá	Exceto RMs	Total
Norte	1.468	669	216	-12.613	-10.260	1.327	-260	487	-3.219	-1.664	1.278	-314	-67	-65	832
Rondônia	1.318	755	538	-8.580	-5.969	680	-134	362	-1.418	-510	955	-204	-10	245	986
Nordeste	1.514	573	376	1.899	4.362	3.330	384	550	-456	3.808	5.057	403	677	1.660	7.797
Sudeste	7.027	-3.446	-3.084	-121.910	-121.412	18.938	6.838	4.857	-33.311	-2.678	21.964	4.233	6.541	4.565	37.303
São Paulo	4.635	-1.939	-1.992	-105.039	-104.335	17.744	7.712	6.010	-25.409	6.057	18.204	4.236	6.390	5.012	33.842
Sul	4.473	-376	-203	-38.513	-34.620	5.554	-313	-576	-30.740	-26.075	-5.891	-2.385	-1.101	-53.918	-63.295
Santa Catarina	1.172	-272	-612	-33.275	-32.988	2.314	-585	-659	-26.779	-25.709	-9.906	-2.663	-1.072	-53.471	-67.113
Centro-Oeste	1.197	-1.162	88	-44.306	-44.183	2.692	-41	582	-16.311	-13.078	2.017	-352	946	-6.757	-4.146
Mato Grosso do Sul	783	-516	482	-12.779	-12.029	1.941	610	538	-768	2.321	657	-97	641	-1.007	194
Mato Grosso	-195	-496	-410	-27.975	-29.075	1.778	113	438	-10.979	-8.650	1.212	328	772	-4.247	-1.935
TOTAL	15.679	-3.742	-2.607	-215.443	-206.113	31.841	6.609	5.900	-84.037	-39.686	24.425	1.585	6.995	-54.515	-21.510

FONTES: Tabelas A.1 e A.2